

Caros Presentes

Aproveitando a oportunidade desta intervenção, pretendo fazer duas breves exposições:

1º- Alunos com Currículo Específico Individual/ Portaria 275-A, de 11 de Setembro/Alargamento da escolaridade obrigatória

Sendo docente com intervenção direta com estes alunos há 7 anos, com um trabalho inclusivo: formal, cívico e funcional em contexto educativo e em contexto comunitário, PENSO: o que justifica, agora, na portaria 275-A, a redução de uma carga horária para/na intervenção do docente de educação especial para 5h semanais?

Conseguimos e têm os alunos direito a uma carga horária completa = aos seus pares, ao longo de 9 anos, e depois deixam de ter essa oportunidade ou os docentes deixam de ser capazes de o fazer nos últimos 3 anos????

Com todo o respeito pelo trabalho das Instituições de apoio à deficiência e sendo apologista da sua rentabilização como parceiros, há a consciência de que muitos concelhos não têm resposta CRI (centros de recursos para a inclusão) nem entidades/associações/instituições interessadas nestas parcerias?

Há conhecimento de que são os docentes de educação especial que tratam de todo o teor dos PIT, terapias, TVA no seu tempo não lectivo?

O desenho curricular apontado na citada portaria direcciona: Atividades de expressão, Desporto, Bem-estar e qualidade de vida, cidadania, participação cívica, solidariedade ... numa instituição???? áreas que tão bem desenvolvem entre pares e aquelas em que ao longo do desenho curricular até ao 9º ano sempre o fizeram em conjunto?

Todas as restantes áreas do desenho curricular, também, me deixam sérias dúvidas neste apontar para o seu desenvolvimento a nível de instituições.... E a ESCOLA INCLUSIVA?

Enfim... há muito a pensar!!!!!!!!!!

2º Formação Inicial de professores

Atualmente, e desde há alguns anos (mais recentemente o curso do magistério primário que, também, passou para as instituições do ensino superior com grau de licenciatura) compete ao Ensino Superior a formação dos futuros profissionais da educação. Compete-lhe promover um ensino de qualidade que converta para uma formação respondente às necessidades da sociedade. Compete-lhes a árdua tarefa de “transformar” o aluno formando no professor formador de novos alunos.

Tenho um estudo de Mestrado desenvolvido em 2006, na Universidade do Minho, intitulado **NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS: INFLUÊNCIA DA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES NA CONCEPÇÃO E NA PREPARAÇÃO PARA INTERVIR**, no qual analisei planos de formação de quatro Instituições Superiores, formadoras de professores do 1.º Ciclo do Ensino Básico (1.º CEB), da região Norte de Portugal, identifiquei as concepções de Necessidades Educativas Especiais (NEE) e de Dificuldades de Aprendizagem (DA) e versou identificar o grau de preparação para trabalhar com crianças com NEE e com DA expressos pelos estudantes que frequentam esses cursos. Com este conseguimos obter respostas às questões: **De que forma os futuros**

profissionais de educação – 1.º CEB – são sensibilizados e preparados para intervirem com crianças com NEE na sala de aula?” “Que concepções têm de NEE e de DA?”. Recorremos a um estudo triangulado de natureza descritiva comparativa de medidas repetidas. Utilizamos metodologia qualitativa e quantitativa: a análise de conteúdo dos planos curriculares de cursos e análise estatística dos questionários.

Deste estudo resultou que:

-Nem todos os cursos de formação de professores (1.º CEB) abordam as NEE/DA. Esta deverá ser contemplada em todos os cursos de formação de professores para a possibilidade de uma resposta equitativa à heterogeneidade escolar.

-Há diferentes conceptualizações de NEE e de DA conforme a instituição frequentada, o que deverá ser, urgentemente clarificado e uniformizado;

-Existe pouco ou raro contacto entre futuros profissionais e alunos com NEE. Deverá haver uma maior aposta na vertente prática da formação;

-As poucas abordagens sobre a temática são feitas na unidade curricular de Psicologia, NEE ou Educação Especial. Deverá persistir uma “verticalidade disciplinar” na abordagem das NEE/DA;

ASSIM, se os recém-formados (embora a inclusão no mercado de trabalho de uma maioria AINDA não e tenha efectivado) apresentam tantas dúvidas e lacunas ao nível da intervenção com crianças com NEE:

1- Há que ponderar- sem dúvida – a Formação Inicial dos Professores

2 - Há que introduzir conhecimentos sobre NEE em todos os cursos de formação inicial independentemente da área da formação (verticalidade disciplinar) não é só o professor do 1º ciclo ou o de português que o terá de conhecer...

3 - O que dizer/pensar dos docentes com formação anterior, 10, 15, 20 anos (eu tenho 25 anos de serviço) em que esta temática nem sequer era abordada?

4 - URGE a formação contínua e em serviço!

5 - URGE a introdução desta temática na formação inicial

Há que abordar mais consistentemente a temática a nível informal e não formal!

Necessidades Educativas Especiais não é um assunto “da Educação Especial” é um assunto social!